"EU VOU CONTAR PRA VOCÊS..." – A ARTE DE LUIZ GONZAGA E A GEOGRAFIA DO NORDESTE BRASILEIRO

"I'LL TELL YOU..." – THE ART OF LUIZ GONZAGA AND GEOGRAPHY OF NORTHEAST BRAZIL

"JE VAIS VOUS DIRE ..." – L'ART DE LUIZ GONZAGA ET LA GÉOGRAPHIE DU NORD-EST DU BRÉSIL

JUSSARA FRAGA PORTUGAL
UNEB/GEO(BIO)GRAFAR. E-mail:jfragaportugal@yahoo.com.br
HANILTON RIBEIRO DE SOUZA
UNEB/GEO(BIO)GRAFAR. E-mail: hrsouza@uneb.br

* Artigo publicado em março de 2017.

Resumo: Este artigo está inserido nos objetivos dos projetos Dialog e Geomúsica, que contemplam propostas de formação em geografia pela inserção de práticas de ensino e de aprendizagem inovadoras, no contexto da universidade e no âmbito da formação docente, bem como na escola de educação básica. Nesse sentido, este artigo vem propiciar a discussão em relação à formação do futuro docente em geografia, além de apresentar e discutir possibilidades exitosas de novas práticas no ensino básico que contribuam para renovadas leituras do mundo. Nessa busca por um ensino e aprendizagem autônomos e reflexivos, concebemos que a linguagem musical pode proporcionar o trabalho de conceitos e temas da geografia a partir do entrelaçamento dos conteúdos curriculares geográficos com as letras de músicas e vice-versa, tornando, assim, o aprender e o ensinar geografia mais lúdicos, prazerosos e dinâmicos. Nessa perspectiva, as músicas de Luiz Gonzaga, por tornarem visível e por discutirem a realidade nordestina física/geográfica, econômica, social, política, ambiental e culturalmente, tornam-se importantes recursos didático-pedagógicos para se ensinar e aprender geografia, fazendo outras e novas leituras do mundo/realidade.

Palavras-chave: ensino de geografia, música, Luiz Gonzaga, Nordeste brasileiro.

Abstract: This article is inserted in the purposes of the projects Dialog and Geomúsica that contemplate proposals to formation in geography, through insertion of the teaching exercise and innovative learning processes in the context of the university in the extent of educator formation such as in the schools of basic education. In this meaning, such work comes to provide the discussion related to the future educator formation in geography, further presenting and discussing successful possibilities of new practices in the basic education, which contributes to innovative reading of the world. Then, in the this search for a teaching of autonomous and reflexive learning, we understand that the musical language might provide the work of concepts and themes in geography from the compound geographic curricular contents with the music lyrics and vice versa, then becoming the learning and teaching geography more ludic, enjoyable and dynamic. In this perspective, Luiz Gonzaga songs due to make it clear and discuss about Northeastern reality: physical-geographical, economic, social, political, environmental and cultural, become important resources educational-pedagogical to teach and learn geography producing other new readings of the world-reality.

Keywords: teaching of geography, music, Luiz Gonzaga, brazilian Northeastern.

Résumé : Ce article est inséré dans les objectifs du projet Dialog et Geomúsica, qui contiennent des propositions pour la formation en géographie, par l'insertion des pratiques d'enseignement et d'apprentissage novatrices dans le cadre de l'université et dans la formation des enseignants et à l'école de l'éducation de base . En ce sens, ce travail fournit la discussion sur la formation du futur enseignant en géographie, ainsi que de présenter et de discuter des possibilités de nouvelles pratiques réussies dans l'éducation de base, qui contribuent à renouveler les lectures du monde. Ainsi, dans cette recherche de l'éducation et de l'apprentissage autonome et de réflexion, nous avons conçu le langage musical peut fournir les concepts de travail et les thèmes de la géographie, à partir de l'imbrication de contenu géographique des programmes d'études avec les paroles et vice-versa, ce qui rend , l'apprentissage et l'enseignement de la géographie plus ludique, agréable et dynamique. Dans cette perspective, les chansons de Luiz Gonzaga, en rendant visible et discuter de la réalité nord-est: physique / géographique, économique, social, politique, environnemental et culturel, deviennent des ressources didactiques et pédagogiques importants pour l'enseignement et l'apprentissage de géographie, de faire d'autres et de nouvelles interprétations du monde / réalité.

Mots-clés: enseignement de la géographie, musique, Luiz Gonzaga, Nord-Est du Brésil.

INTRODUÇÃO

Este artigo emerge do diálogo de experiências vivenciadas em dois contextos educativos: na formação acadêmico-profissional de professores de geografia do curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Educação do Campus XI da Universidade do Estado da Bahia e no âmbito das práticas de ensino de geografia, nas classes de ensino médio do Colégio Estadual Polivalente de Castro Alves, na cidade de Castro Alves (Bahia/BA). Tais experiências desenvolveram-se a partir das ações dos projetos Dialog – diversas linguagens, formação docente e ensino de geografia (PORTUGAL, OLIVEIRA, 2009)[1] e Geomúsica – ouvindo, cantando e aprendendo geografia (SOUZA, 2010),[2] respectivamente.

O projeto Dialog, desenvolvido na série do componente curricular Prática de Ensino em Geografia (I, II, III e IV), foi pensado na perspectiva de contribuir com uma formação docente em geografia que possa articular "[...] temas, conceitos e temáticas [...] mediada por diferentes linguagens, possibilitando entender e aprender, de diferentes modos e a partir de diversos contextos, os temas tratados pela geografia no cotidiano da sala de aula" (MEIRELES, PORTUGAL, 2012, p. 19). Compreende, assim, três dimensões: a) diversas linguagens e formação docente; b) diversas

[1] O projeto Dialog – diversas linguagens, formação docente e ensino de geografia é desenvolvido no âmbito do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia, Campus XI, cidade de Serrinha, no Território de Identidade do Sisal, no semiárido baiano. Este projeto é coordenado pelas professoras Jussara Fraga Portugal e Simone Santos de Oliveira. As práticas desenvolvidas no âmbito do projeto Dialog estão vinculadas ao Grupo de Pesquisa GEO(BIO)GRAFAR – geografia, diversas linguagens e narrativas de professores.

[2] O projeto Geomúsica – ouvindo, cantando e aprendendo geografia é desenvolvido no Colégio Estadual Polivalente de Castro Alves, na cidade de Castro Alves (Bahia), Território de Identidade do Recôncavo Baiano. Este projeto é desenvolvido pelo professor Hanilton Ribeiro de Souza com alunos da 3ª série do ensino médio.

linguagens e narrativas de formação; e c) diversas linguagens e geografia escolar, e sete eixos temáticos, a saber: 1) geografias em imagens (fotografias, desenhos, postais, histórias em quadrinhos, charges e tiras, no processo de ensino e aprendizagem em geografia); 2) geografias em movimento: linguagem cinematográfica, geografia escolar, conceitos e temas; 3) geografias em gêneros musicais: a música na sala de aula; 4) geografias literárias: textos e contextos (crônicas, poesias, poemas, romances, literatura de cordel); 5) geografias nos/dos cotidianos: textos jornalísticos e aprendizagens geográficas; 6) cartografia escolar e aprendizagens geográficas (mapas, globos, gráficos, tabelas, infográficos); e 7) linguagens digitais no ensino de geografia (vídeos, fotografias, telefones celulares e outros recursos de comunicação, como Facebook, WhatsApp, e-mails, Msn, Skype, hipertextos etc.).

Ancorado nas diversas linguagens, nos princípios do método (auto)biográfico, mais especificamente, e nas narrativas de formação, o Dialog toma as diversas linguagens como artefatos didático-pedagógicos para explorar temas e conceitos dos diferentes ramos da geografia (física, humana, econômica, política e cultural), e seu principal objetivo é contribuir para uma formação docente em geografia capaz de articular conceitos e temas da geografia escolar a partir das diversas linguagens, e, a partir delas, realizar práticas de ensino na educação básica. Outros objetivos direcionam o desenvolvimento desta proposta de formação, como: 1) discutir uma formação docente que possibilite dinamizar a geografia escolar por meio de diversas linguagens (cinema, literatura, crônicas, literatura de cordel, música, cartografia, postais, mapas, desenhos, charges, tiras, histórias em quadrinhos, revistas, fotografias, tabelas, gráficos, entre outras); 2) identificar as potencialidades das diversas linguagens como dispositivos e artefatos didático-pedagógicos para ensinar e aprender geografias; 3) caracterizar as diversas linguagens como dispositivos didático-pedagógicos para ensinar geografias, no

contexto da educação básica; e 4) propor estratégias metodológicas, tendo em vista a realização de práticas de ensino, articulando conceitos, temas e temáticas da geografia, na sala de aula, por meio de diversas linguagens.

Desse modo, a proposta formativa do projeto Dialog, que envolve práticas de ensino no âmbito da formação docente em geografia, concebe as diversas linguagens como dispositivos/artefatos didático-pedagógicos, utilizados no âmbito do trabalho docente, propondo e planejando formas de ensino que possibilitem pensar, planejar e abordar conteúdos da geografia escolar, de diferentes maneiras, atribuindo-lhes novos sentidos e desenvolvendo novas perspectivas de trabalho docente com a geografia em sala de aula.

O projeto Geomúsica, desenvolvido no âmbito do ensino médio, inspira-se em princípios de reencantamento e ressignificação do ensino da ciência geográfica na escola básica, tendo como objetivo central a utilização da linguagem musical nas aulas de geografia. Busca aprofundar a compreensão dos conteúdos trabalhados por meio de sua relação com a música e vice-versa, e ampliar, assim, a capacidade crítica e reflexiva dos alunos diante das contradições existentes na produção social do espaço, além de também lhes oportunizar um aprendizado mais dinâmico, autônomo e contextualizado.

Vemos que, apesar da evolução do pensamento geográfico, nas últimas décadas, em grande parte das salas de aula, a geografia escolar ainda se encontra contida nos moldes de um ensino conteudista – muitas vezes, maçante e livresco –, pois tem no texto escrito o seu principal recurso didático. Nesse sentido, a utilização da música nas aulas de geografia deve almejar ainda outros objetivos, como: (1) diversificar a utilização de recursos pedagógicos em sala de aula a fim de inovar e dinamizar o ensino e a aprendizagem desta disciplina; (2) utilizar outras linguagens na construção do conhecimento geográfico, contribuindo para ampliar

a percepção cultural e a reflexão crítica dos discentes; (3) discutir as possibilidades da utilização da linguagem musical em sala de aula para ensinar e aprender outras geografias; (4) destacar a importância de inovar, experimentar e (re)criar estratégias de ensino e aprendizagem da geografia, no ensino básico, a fim de contribuir para uma leitura crítica e reflexiva do mundo.

O projeto Geomúsica vem demonstrar que é possível e necessário reencantar e ressignificar o ensino e a aprendizagem da geografia, trazendo para a sala de aula inúmeras canções populares brasileiras, tendo em vista analisar, discutir e refletir sobre diversos conteúdos geográficos que tornem as aulas mais dinâmicas, prazerosas e produtivas, pois, como destacou Assmann (1998, p. 23, 29), "a escola deve ser um lugar gostoso. [...] O ambiente pedagógico tem de ser lugar de fascinação e inventividade [...]". Nessa perspectiva, trabalhar com música nas aulas de geografia, além de tornar a sala de aula um ambiente mais atrativo, propicia ainda, pela utilização de outras linguagens, o refinamento dos sentidos e da percepção dos alunos na compreensão da realidade.

Os projetos Dialog e Geomúsica contemplam propostas de formação em geografia pela inserção de práticas de ensino e de aprendizagem inovadoras, no contexto da universidade e no âmbito da formação docente, bem como na escola de educação básica, pois buscam reencantar e ressignificar a prática pedagógica nas aulas de geografia. Tais projetos vêm, portanto, contribuir para a formação do futuro docente em geografia, além de apresentar e discutir possibilidades exitosas de novas práticas, no ensino básico, que contribuam para renovadas leituras do mundo.

Num mundo dinâmico, fragmentado e contraditório, onde múltiplas realidades se apresentam e necessitam ser apreendidas, torna-se imprescindível, especialmente no ensino de geografia, que ousemos na formação docente e em nossa prática pedagógica,

experimentando situações que propiciem uma aprendizagem autônoma e reflexiva do mundo. Nesse sentido, a linguagem musical pode proporcionar o trabalho de conceitos e temas da geografia a partir do entrelaçamento dos conteúdos curriculares geográficos com as letras de músicas e vice-versa, tornando o aprender e o ensinar geografia mais lúdicos, prazerosos e dinâmicos, sem prejuízo de sua cientificidade. Fernandes destacou que

> Quando utilizamos uma música, cujo conteúdo possui relação com o conteúdo do tema em estudo, podemos dimensionar e enriquecer a compreensão desta, ao permitir a máxima exploração do tema, assim como descobrir as mais diversas possibilidades de estudá-lo. Esse processo ainda contribui para aprofundar o conhecimento da música em questão (FERNANDES, 1995, p. 135).

Assim, a música como recurso pedagógico para o ensino de geografia pode ser um importante caminho para a contextualização dos conteúdos geográficos e a decorrente reflexão sobre eles, pois, segundo Paranhos (1995, p. 11), "há mais coisas entre música e realidade do que normalmente se supõe". Além disso, há também o grande alcance e o fascínio que a linguagem musical exerce sobre nossa sociedade, o que facilita a sua utilização em sala de aula, uma vez que "a música, enquanto linguagem universal, exerce particular atração quando o público-alvo são os jovens" (PARANHOS, 1995, p. 13).

É sabido que a música, além de conter informações, ideias e temas, também tem a capacidade de instigar nossos sentimentos, valores, memórias e ideais. Dessa forma, se conseguirmos, em sala de aula, unir a produção do conhecimento científico às percepções do indivíduo em relação ao mundo que o cerca, daremos importantes passos para a formação de cidadãos mais autônomos, conscientes e reflexivos perante a realidade instituída. Nesse sentido, Fernandes observou:

> A música é um recurso de imensa importância no processo de aprendizagem, tanto pela sua contribuição no processo de

> formação cultural, quanto pelo fato de que a música nos permite trabalhar não só o intelecto, mas também com a percepção, tornando assim, as aulas mais agradáveis, interessantes e dinâmicas (FERNANDES, 1995, p. 135).

Conforme Paranhos (1995), as músicas têm grande potencial para a formação do indivíduo, pois muitas músicas *falam*, sem recorrer necessariamente a palavras impressas ou cantadas, quando apenas as melodias já conseguem mexer com nossos sentimentos e memórias, atingindo, assim, os objetivos para os quais foram compostas. Por isso, torna-se imprescindível a utilização da linguagem musical nas aulas de geografia, sobretudo pelo seu caráter de instigar os sentimentos e as percepções dos indivíduos. Assmann (1998, p. 29) salientou que "precisamos reintroduzir na escola o princípio de que toda a morfogênese do conhecimento tem algo a ver com a experiência do prazer. Quando esta dimensão está ausente, a aprendizagem vira um processo meramente instrucional".

Nessa perspectiva, o reencantamento do ensino e da aprendizagem de geografia passa por uma "ação educativa como ensejamento e produção de experiências de aprendizagem" (ASSMANN, 1998, p. 29), em que o conhecimento seja produzido com curiosidade, fascinação e prazer. Kaercher nos afirmou que

> [...] sem poesia a razão se petrifica, os homens viram objeto de estudo e nada novo se cria, somente... novos... conhecimentos. E não parece que seja falta de conhecimento o problema de nossa civilização ocidental, tecnicista e industrial [...] (KAERCHER, 2003, p. 34).

Como arte, a música tornou-se uma importante linguagem para o ensino e a aprendizagem de conceitos e temas da geografia na escola. Paranhos (1995, p. 9) enfatizou que "uma música ou uma trilha sonora atuam com frequência como elemento deflagrador de todo um processo de discussão e decodificação de situações específicas".

A exploração da potencialidade didática de diversas linguagens, no cotidiano escolar, especialmente no âmbito do ensino de geografia, também foi ressaltada por Portugal e Souza, ao destacarem que

> [...] os textos literários (poesias, prosas, romances, contos e crônicas), as letras de músicas, as imagens e informações difundidas através do cinema, da televisão, da Internet, as histórias em quadrinhos, charges, as pinturas, o jornal e a revista (textos jornalísticos), as fotografias são recursos que possibilitam o registro, a narrativa e a aprendizagem de fenômenos, fatos e acontecimentos geográficos (PORTUGAL, SOUZA, 2013, p. 105).

Esta compreensão sobre o uso didático-pedagógico das diversas linguagens na escola é também compartilhada por Guimarães (2007), Cousin (2012) e Goulart e Antunes (2012). De acordo com Guimarães, tais artefatos didáticos podem contribuir para o processo de aprendizagem, pois possibilitam aos alunos a produção, a expressão e a difusão de ideias, sentimentos, opiniões, saberes e conhecimentos. Já Cousin (2012) enfatizou que as diversas linguagens, na sala de aula, "visa[m] aproximar o ensino da geografia do cotidiano, auxiliando na compreensão da produção do espaço, bem como na crítica a ele" (COUSIN, 2012, p. 65). Por fim, Goulart e Antunes (2012) afirmaram que a linguagem da música se caracteriza como uma possibilidade pedagógica e um elemento mobilizador das curiosidades e interesses dos alunos, significando as territorialidades e os territórios, e contribuindo para a aproximação entre a prática pedagógica escolar e o viver contemporâneo.

É dessa perspectiva que intencionamos narrar e apresentar algumas possibilidades de abordar elementos da geografia do Nordeste, a partir das letras de músicas compostas e/ou interpretadas por Luiz Gonzaga, ao longo da sua trajetória profissional, com ênfase na singularidade e nas particularidades da geografia do Nordeste.

Luiz Gonzaga: uma vida, muitas histórias, diversas canções...

> Poucos terão cantado tão bem quanto ele e seus parceiros os dramas do povo nordestino, mas, acima de tudo, foi à alegria

> de viver do nordestino que ele revelou (FERREIRA, 2010, p. 17).

Luiz Gonzaga, também conhecido como Gonzagão, nasceu numa sexta-feira, dia 13 de dezembro de 1912, na fazenda Caiçara, povoado do Araripe, a 12 quilômetros de Exu, no sertão de Pernambuco. Era o segundo dos nove filhos do casal Januário José dos Santos e Ana Batista de Jesus (Mãe Santana). Filho de camponeses pobres, seu mundo dividia-se entre a enxada e a sanfona.

A infância pobre no sertão pernambucano foi marcada pela forte presença da música e pela admiração que nutria por seu pai, seu primeiro e grande mestre musical. Com ele, aprendeu os primeiros acordes e desenvolveu o gosto pela música e a paixão pela sanfona. Foi observando seu pai, mestre Januário, tocador de acordeão, animando bailes e consertando velhas sanfonas, que despertou a curiosidade de Luiz Gonzaga por este instrumento, e ele aprendeu a tocá-lo. Isto o tornaria o "Rei do Baião". Sua admiração pelo pai foi destacada em várias músicas, entre elas: "Seu Januário" (Luiz Gonzaga, 1942), "Respeita Januário" (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, 1950), "Januário vai tocar" (Januário José dos Santos, 1952) e "O maior tocador – seu Januário" (Luiz Guimarães, 1965), "Adeus a Januário" (João Silva e Pedro Maranguape, 1979).

Aos dezessete anos, em 1929, abandonou a família por causa de uma paixão proibida e fugiu para o Crato, cidade situada no sertão do Ceará. No começo da década de 1930, em Fortaleza, ingressou no Exército e viajou pelo país. Foi no Exército que teve aulas de sanfona com o soldado Domingos Ambrósio. Após quase dez anos trabalhando no Exército, abandonou a corporação e se deslocou para a cidade do Rio de Janeiro, onde deu início à sua trajetória profissional na música, apresentando-se em bares, cabarés e programas de calouros. Conseguiu o primeiro lugar com a música "Vira e mexe", em 1940, no programa de calouros da Rádio Tupi, comandado por Ary Barroso.

O retorno a Exu, sua terra natal, e o reencontro com a família aconteceram somente dezesseis anos depois, com Luiz Gonzaga já famoso e conhecido no Brasil como o artista nordestino que retratava, em suas canções, a identidade da região Nordeste, a poesia, a alegria e a coragem de seu povo.

Seu primeiro disco, como cantor e sanfoneiro, foi produzido pela gravadora RCA Victor, em 1945, quando a música "Dança Mariquinha" foi um grande sucesso. Neste mesmo ano, nasceu o seu primeiro e único filho, Gonzaguinha, fruto do relacionamento com a cantora Odaléia Guedes. Conheceu, nesta mesma época, o músico e compositor Humberto Teixeira, que se tornou o seu principal parceiro na composição de muitas canções de sucesso, entre as quais podemos destacar a música considerada o hino do Nordeste: "Asa branca" (1947).

A preciosa parceria entre Gonzagão e Humberto Teixeira foi tão importante para ambos que, em 1968, a RCA Camden lançou um *long play* (LP) intitulado "Luiz Gonzaga – meus sucessos com Humberto Teixeira", que continha doze faixas de consagradas músicas: "Baião", "Asa branca", "Lorota boa", "Mangaratiba", "Assum preto", "Juazeiro", "Paraíba", "Xanduzinha", "Qui nem jiló", "Estrada de Canindé", "Respeita Januário" e "No meu pé de serra".

Além de Humberto Teixeira, também estabeleceu uma importante parceria com Zé Dantas. Em 1948, casou-se com a professora pernambucana Helena Cavalcanti, que se tornara sua secretária particular, com quem não teve filhos biológicos, adotando uma menina de nome Rosa.

Na visita do Papa João Paulo II ao Brasil, em 1980, o sanfoneiro Luiz Gonzaga foi escolhido para se apresentar para o líder da Igreja Católica, em Fortaleza.

A trajetória profissional de Luiz Gonzaga, o "Rei do Baião", foi marcada por grandes sucessos, premiações e reconhecimento internacional. No decurso de sua carreira profissional, Gonzagão gravou 627 músicas (53 músicas de sua

autoria, 243 com parceiros e 331 de outros autores), contabilizando 266 discos. Também teve participação especial em discos de outros artistas nordestinos, como Elba Ramalho, Fagner, Zé Ramalho e Dominguinhos, entre outros. O LP "Aquarela nordestina", produzido em 1989, foi o último trabalho deste artista.

Em 2 de agosto de 1989, no Hospital Santa Joana, na cidade do Recife, Luiz Gonzaga faleceu, vítima de parada cardiorrespiratória, sendo sepultado em Exu, sua terra natal.

A trajetória de vida e a obra desse grande nordestino inspiraram o cineasta Breno Silveira na produção do filme "Gonzaga – de pai para filho", uma obra cinematográfica que narrou a história de vida e a trajetória profissional de Gonzagão, assim como a relação conturbada com o seu filho Gonzaguinha.

A transposição fílmica das histórias de vida e da trajetória profissional de Luiz Gonzaga, em 2012, quando completaria 100 anos de vida, nos inspirou, igualmente, a manifestar o desejo de escrever sobre as contribuições deste poeta, músico e compositor pernambucano, no contexto do trabalho docente e do ensino da geografia do Nordeste.

A história da música nordestina se entrelaça à história de Luiz Gonzaga. Admirado por grandes músicos e pelo povo brasileiro, foi o artista que mais traduziu os modos de vida, a diversidade, a riqueza da cultura, a identidade e o modo de falar do povo nordestino. Por intermédio da sua arte, difundiu e popularizou o forró, o baião, o xote e o xaxado.

Ao cantar a cultura, a história, as festas, a fauna e a flora local, a religiosidade, as súplicas do sertanejo e do povo nordestino, Gonzagão tornou-se um porta-voz de sua gente e dessa região do Brasil. Em 1964, após o roubo de sua sanfona branca, ele interpretou a música "Sanfona do povo", composta por Luiz Guimarães e Helena Gonzaga (sua esposa), na qual afirmava: "Pois essa sanfona bela que eu estou cantando nela é a sanfona do povo", ou seja, sua música e sua sanfona não lhe pertenciam, mas

ao povo, pois traduziam a vida, a cultura, os sentimentos e as dificuldades do povo do Nordeste:

Sanfona do povo
(Luiz Guimarães e Helena Gonzaga, 1964)

Quem roubou minha sanfona foi Mané, foi Rufino, foi Romão,
Quem roubou minha sanfona foi o Zé, foi Batista ou Bastião
Quem roubou minha sanfona, ôôiiii, traz de volta, seu ladrão,
Olha aqui essa sanfona sempre foi a minha dona e tem valor de estimação

Quem roubou minha sanfona, eu bem sei, foi alguém sem coração
Nesse dia não cantei, quase chorei, foi tão grande a emoção,
Quem roubou minha sanfona, ôôiiii peço, não faça de novo,
Pois esta sanfona bela que eu estou cantando nela é a sanfona do povo

Quem roubou minha sanfona, eu bem sei, foi alguém sem coração
Nesse dia não cantei, quase chorei, foi tão grande a emoção,
Quem roubou minha sanfona, ôôiiii peço, não faça de novo,
Pois essa sanfona bela que eu estou cantando nela é a sanfona do povo

Seu trabalho foi e é de grande importância para a cultura e o povo do Nordeste na medida em que conseguiu expor e divulgar, para o restante do Brasil, as belezas naturais e culturais desta região, bem como os seus problemas. Em 1975, o cantor e compositor Benito Di Paula escreveu uma música-homenagem ("Sanfona branca") para o "Rei do Baião", demonstrando, assim, a relevância da obra de Gonzagão para o Nordeste e o país:

Sanfona branca
(Benito Di Paula, 1975)

Aquela sanfona branca
Aquele chapéu de couro
É quem meu povo proclama
Luiz Gonzaga é de ouro
Aquele tom nordestino
A voz sai do coração

É ele o rei do baião, é Luiz
É cantador do sertão
É filho de Januário
É quem canta o Juazeiro
É festa, é povo, Luiz alegria
Luiz Gonzaga é poesia
[...]

As canções compostas e/ou interpretadas pelo grande mestre Luiz Gonzaga são verdadeiras aulas sobre a diversidade cultural do povo nordestino, pois retratam o sertão, a vida do seu povo, a seca e a fome, os costumes e crenças, além da beleza emblemática da caatinga.

Para Albuquerque Jr,

> [...] a música de Gonzaga, ao trazer à tona a experiência deste povo pobre, ao buscar afirmar o que considera 'uma cultura marginalizada', mais do que produzir uma visão tradicional camponesa, ajuda esta cultura a se atualizar, reafirmar-se em outro nível. Longe de ser uma visão do passado, é uma visão do presente, de um grupo social e regional marginalizado, que resiste à destruição completa de seus territórios tradicionais [...] (ALBUQUERQUE JR, 2009, p. 179-180).

Nessa perspectiva, observamos que Luiz Gonzaga, por meio de sua música, conseguiu dar visibilidade ao povo nordestino, sua região e sua cultura, em outras partes do país, especialmente no Sudeste brasileiro, para onde as correntes migratórias levaram milhares de nordestinos, desde o processo de industrialização desta região.

Outro fator que podemos ver nas músicas compostas e/ou interpretadas por Gonzagão é a forte ligação com o lugar: o sertão nordestino. São várias as músicas ("Pé de serra", "No meu pé de serra", "Saudade de Pernambuco", "Meu Pajeú", "Saudade da boa terra", "A vida do viajante", "Adeus, meu Pernambuco", "Meu Araripe", entre outras) em que o artista exprimiu os sentimentos de identidade em relação ao espaço vivido, distante para ele em dados momentos. A saudade é um tema recorrente, demonstrando

que, mesmo afastado, o seu coração e o de milhões de migrantes nordestinos continuavam presos ao seu lugar de origem.

> Gonzaga foi, pois, o artista que, por meio de suas canções, instituiu o Nordeste como espaço da saudade. Embora não aquele Nordeste com saudade da escravidão, do engenho, das casas-grandes; mas o Nordeste da saudade do sertão, de sua terra, de seu lugar. Saudades de seus cheiros, seus ritmos, suas festas, suas alegrias, suas sensações corporais. Saudade de migrante ou de homem de cidade, em relação a um espaço idílico onde homem e natureza ainda não se separaram [...] (ALBUQUERQUE JR, 2009, p. 185).

Ainda segundo este mesmo autor,

> O tema da saudade é constante em sua música. Saudade da terra, do lugar, dos amores, da família, dos animais de estimação, do roçado. O Nordeste parece sempre estar no passado, na memória, evocada saudosamente para quem está na cidade, mesmo que esta seja na região. O Nordeste é este sertão mítico a que se quer sempre voltar (ALBUQUERQUE JR, 2009, p. 182).

No meu pé de serra (1946)
(Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)

Lá no meu pé de serra
Deixei ficar meu coração
Ai, que saudades tenho
Eu vou voltar pro meu sertão
No meu roçado trabalhava todo dia
Mas no meu rancho tinha tudo o que queria
Lá se dançava quase toda quinta-feira
Sanfona não faltava e tome xote a noite inteira
O xote é bom
De se dançar
A gente gruda na cabôcla sem soltar
Um passo lá
Um outro cá

Meu Pajeú (1957)
(Luiz Gonzaga e Raimundo Grangeiro)

Já faz um ano e tanto
Que eu deixei meu Pajeú
Com tanta felicidade
Vim penar aqui no sul.

Ai, hum!
Ai, meu Deus
O que é que eu vou fazer
Longe do meu Pajeú
Não poderei viver (refrão)

São Paulo tem muito ouro
Corre pratas pelo chão
O dinheiro corre tanto
Que eu não posso pegar não

(refrão)

Paulista é gente boa
Mas é de lascar o cano

Enquanto o fole tá tocando,
Tá gemendo, tá chorando,
Tá fungando, reclamando sem parar.

Eu nasci no Pajeú
Mas só me chamam de baiano

(refrão)

No dia em que eu voltar
Vou fazer uma seresta
Vou rezar uma novena
Ao bom Jesus da Floresta
(refrão)

Na sala de aula, no âmbito da geografia escolar, a música gonzaguiana, a partir de sua percepção do Nordeste, contribui para discutir temas referentes a esta região do Brasil, tais como: lugar, paisagem, região, clima, vegetação, hidrografia, correntes migratórias, cultura local, problemas ambientais, sociais, políticos e econômicos, entre muitos outros que os(as) professores(as) e os(as) alunos(as) podem retirar das letras de suas canções.

Desse modo, a intenção deste artigo é, por meio do encontro entre a música e a geografia, destacar a contribuição da arte de Luiz Gonzaga ao contexto da geografia escolar, sobretudo no que concerne à abordagem de temas geográficos atrelados à geografia do Nordeste brasileiro.

Geografias do Nordeste nas canções de Luiz Gonzaga: narrativas, imagens e representações

As diferentes paisagens do Nordeste brasileiro e seus elementos (naturais, sociais, culturais e econômicos) são retratados em muitas manifestações artísticas, como obras literárias, músicas, pinturas, literatura de cordel, filmes, documentários, poemas e esculturas. Neste artigo, contemplaremos uma discussão sobre o ensino e a aprendizagem de conceitos e temas da geografia do Nordeste brasileiro por meio da abordagem de algumas letras de músicas compostas e/ou interpretadas pelo grande mestre Luiz Gonzaga.

A música gonzaguiana narra o Nordeste, o povo nordestino, sua cultura e os modos de vida do homem simples do

sertão, os problemas sociais e ambientais, sobretudo a seca que castiga, de forma cíclica, esta região do país. Ao traduzir as suas memórias de infância e temas regionais em letras de músicas, Luiz Gonzaga transforma-se no grande representante do povo do Nordeste, a "voz do Nordeste", dentro e fora da região. Segundo Albuquerque Jr (2009, p. 175), "a música de Gonzaga é dirigida, sobretudo, ao migrante nordestino radicado no Sul do país e ao público das capitais nordestinas que podia consumir discos".

Pelas canções de Gonzagão, o Brasil passou a conhecer melhor o Nordeste, bem como a ter conhecimento dos problemas que, há séculos, assolam a região, tirando da invisibilidade esta terra e sua gente.

Vejamos algumas dessas músicas e como podemos utilizá-las nas aulas de geografia, na educação básica:

Aquarela nordestina
(Rosil Cavalcanti, 1958)

No Nordeste imenso, quando o sol calcina a terra,
Não se vê uma folha verde na baixa ou na serra.
Juriti não suspira, inhambú seu canto encerra.
Não se vê uma folha verde na baixa ou na serra.

Acauã, bem no alto do pau-ferro, canta forte,
Como que reclamando sua falta de sorte.
Asa branca, sedenta, vai chegando na bebida.
Não tem água a lagoa, já está ressequida.

E o sol vai queimando o brejo, o sertão, cariri e agreste.
Ai, ai, meu Deus, tenha pena do Nordeste.

A música "Aquarela nordestina", composta por Rosil Cavalcanti e imortalizada na voz de Gonzagão e de outros artistas nordestinos, como Marinês e Elba Ramalho, pode ser vista como

um contraponto às músicas "Aquarela do Brasil" (1939)[3] e "Aquarela brasileira" (1964).[4] Enquanto "Aquarela nordestina" descreve a paisagem natural nordestina assolada pela seca, explicitando a tragédia que atinge animais e homens, as outras duas músicas apresentam apenas as belezas naturais e culturais do país. "Aquarela nordestina" narra a realidade nordestina, explicitando, inicialmente, o solo, a vegetação e os animais castigados pela seca, mas deixando implícito que tal situação também atinge o povo deste lugar do Brasil.

Nesse sentido, nas aulas de geografia, podemos trabalhar os espaços existentes no Nordeste (litoral, Zona da Mata, agreste, caatinga, entre outros), demonstrando que há diferentes e variadas paisagens nesta região, e desconstruindo, assim, os estereótipos construídos pela mídia nacional. Além disso, na observação e análise da paisagem local a partir da música, os alunos podem fazer uma correlação entre as diferenças existentes em cada região do Nordeste, bem como quanto às mudanças provocadas na paisagem, nos períodos de estiagem e de chuva.

A música "Asa branca", composta em 1947, foi complementada por "A volta da asa branca", de 1950. Na primeira, os compositores (Gonzagão e Zé Dantas) denunciavam os problemas decorrentes da seca no Nordeste, que, além da perda das plantações e da criação, ainda contribuía para a migração, fosse ela sazonal ou definitiva. Em ambas, os compositores destacaram a migração sazonal à medida que, após o retorno do período de chuvas, o retirante regressava para o seu lugar de origem e para o seu amor.

Asa branca (Luiz Gonzaga e Zé Dantas, 1947)	**A volta da asa branca** (Luiz Gonzaga e Zé Dantas, 1950)

[3] É uma das mais populares canções brasileiras, composta por Ary Barroso, em 1939. Foi interpretada por diversos cantores, entre eles Carmem Miranda, Elis Regina e até Frank Sinatra.

[4] Samba-enredo do Império Serrano, em 1964, composto por Silas de Oliveira e interpretado por Martinho da Vila.

Quando olhei a terra
ardendo
Qual a fogueira de São
João
Eu perguntei a Deus do
céu, ai
Por que tamanha
judiação
Eu perguntei a Deus do
céu, ai
Por que tamanha
judiação

Que braseiro, que
fornalha
Nem um pé de prantação
Por falta d'água perdi
meu gado
Morreu de sede meu
alazão

Por farta d'água perdi
meu gado
Morreu de sede meu
alazão

Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse, adeus
Rosinha
Guarda contigo meu
coração

Então eu disse, adeus
Rosinha
Guarda contigo meu
coração

Hoje longe, muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de
novo
Pra mim voltar pro meu

Já faz três noites
Que pro norte relampeia
A asa branca
Ouvindo o ronco do trovão
Já bateu asas
E voltou pro meu sertão
Ai, ai eu vou me embora
Vou cuidar da plantação

A seca fez eu desertar da minha
terra
Mas felizmente Deus agora se
alembrou
De mandar chuva
Pra esse sertão sofredor
Sertão das muié séria
Dos homes trabaiador

Rios correndo
As cachoeira tão zoando
Terra moiada
Mato verde, que riqueza
E a asa branca
À tarde canta, que beleza
Ai, ai, o povo alegre
Mais alegre a natureza
E a asa branca
À tarde canta, que beleza
Ai, ai, o povo alegre
Mais alegre a natureza.

Sentindo a chuva
Eu me recordo de Rosinha
A linda flor
Do meu sertão pernambucano
E se a safra
Não atrapaiá meus pranos
Que que há, ó seu vigário
Vou casar no fim do ano.
E se a safra
Não atrapaiá meus pranos
Que que há, o seu vigário

sertão

Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na prantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração

Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração

Vou casar no fim do ano

As músicas "Asa branca" e "A volta da asa branca" retratam o processo migratório do homem sertanejo, utilizando-se do pássaro asa branca (ave comum no sertão nordestino) para narrar a partida e o regresso do nordestino para o seu lugar, ressaltando a relação de afetividade que o homem sertanejo estabelece com/no lugar – o que Tuan (1983) chamou de "laços topofílicos". Desse modo, podemos afirmar que, nas canções de Luiz Gonzaga, os lugares do sertão são "dotados de significação, de sentimento e representação e traz em si uma forte carga identitária e ligação com o lugar. O lugar enquanto espaço de identidades" (PORTUGAL, 2013, p. 237).

Outro aspecto que pode ser abordado a partir das músicas, nas aulas de geografia, é a questão da seca como um fator divino e não natural/climático e cíclico, pois muitos nordestinos acreditam que tal fenômeno tem um caráter místico, tanto que os períodos de chuva estão sempre relacionados aos santos católicos: trovoadas de Todos os Santos, trovoadas de Santa Bárbara, trovoadas de São José, entre outras. Nas músicas de Gonzagão, vemos tal

misticismo em relação à seca: "Apela pra março. Que é o mês preferido. Do santo querido. Senhor São José. Meu Deus, meu Deus. Mas nada de chuva. Tá tudo sem jeito" ("Triste partida"). Na música "A volta da asa branca", também notamos novamente o mesmo aspecto: "A seca fez eu desertar da minha terra. Mas, felizmente, Deus agora se alembrou. De mandar chuva. Pra esse sertão sofredor". Já na música "Súplica cearense" (Gordurinha e Nelinho), além de tratar a seca como um fator religioso, tal aspecto também é relacionado com as chuvas e enchentes que assolam o Nordeste, após grandes períodos de estiagem:

Súplica cearense
(Gordurinha e Nelinho, 1979)

Oh! Deus, perdoe este pobre coitado
Que de joelhos rezou um bocado
Pedindo pra chuva cair sem parar

Oh! Deus, será que o Senhor se zangou
E só por isso o sol arretirou
Fazendo cair toda a chuva que há

Senhor, eu pedi para o sol se esconder um tiquinho
Pedi pra chover, mas chover de mansinho
Pra ver se nascia uma planta no chão

Oh! Deus, se eu não rezei direito, o Senhor me perdoe,
Eu acho que a culpa foi
Desse pobre que nem sabe fazer oração

Meu Deus, perdoe eu encher os meus olhos de água
E ter-lhe pedido cheinho de mágoa
Pro sol inclemente se arretirar

Desculpe eu pedir a toda hora pra chegar o inverno
Desculpe eu pedir para acabar com o inferno
Que sempre queimou o meu Ceará.

Além disso, pode-se analisar a localização geográfica do Nordeste brasileiro, que, entre os trópicos, e próximo ao Círculo do Equador, apresenta apenas duas estações bem definidas: inverno e verão. Sem contar a peculiaridade do nordestino em distinguir tais

estações, não pela geografia ou climatologia, mas pela presença ou ausência de chuva. No Nordeste, o verão é conhecido como a estação seca e sem chuvas, que ocorre de maio a setembro, coincidindo com o final do outono e o início da primavera. Já o inverno do nordestino são os meses de chuva e fartura nas plantações, período que, geralmente, ocorre de outubro a abril, coincidindo com a primavera, o verão e o início do outono, como destacado na música "Súplica cearense": "Desculpe eu pedir a toda hora pra chegar o *inverno*. Desculpe eu pedir para acabar com o inferno. Que sempre queimou o meu Ceará". Isto também pode ser notado em outra música, "A triste partida", poema do cearense Patativa do Assaré, musicado e imortalizado por Gonzagão: "Descamba janeiro. Depois fevereiro. E o mesmo *verão*".

Na referida composição de Patativa de Assaré, a partir das situações experienciadas com o seu lugar, das vivências e das relações ali estabelecidas, o autor narra a trajetória de um nordestino que migrou, com a família, do sertão nordestino para São Paulo, por causa da seca periódica. O desespero do nordestino com o atraso das chuvas durante o "inverno" prolongado provocará sua migração para o Centro-Sul do Brasil. Esta migração seria, a princípio, sazonal, mas, por conta de outras dificuldades, se torna definitiva. Dessa forma, nas aulas de geografia, além da discussão sobre o clima e a seca, pode-se enfocar também a questão do êxodo rural, as causas e consequências de tal processo para as áreas de repulsão e de atração.

Além da questão da seca, das estiagens que assolam o Nordeste e o fenômeno das migrações, a referida música ainda retrata as dificuldades do pequeno agricultor nordestino, bem como a sua íntima ligação com o lugar – seu espaço vivido –, conforme os fragmentos a seguir:

A triste partida

(Composição: Patativa do Assaré, 1964.
Interpretação: Luiz Gonzaga)

Setembro
passou.
Outubro e
novembro.
Já estamos
em
dezembro.
Meu Deus,
que é de nós
Assim fala o
pobre
Do seco
Nordeste
Com medo da
peste
Da fome feroz
[...]
Descamba
janeiro.
Depois
fevereiro.
E o mesmo
verão
Meu Deus,
meu Deus
Então o
nortista
Pensando
consigo
Diz: "Isso é
castigo
não chove
mais não"
Ai, ai, ai, ai
Apela pra
março
Que é o mês
preferido
Do santo
querido

A seca
terrível
Que tudo
devora
Ai, lhe bota
pra fora
Da terra
natal
Ai, ai, ai, ai
O carro já
corre
No topo da
serra
Olhando
pra terra
Seu berço,
seu lar
Meu Deus,
meu Deus
Aquele
nortista
Partido de
pena
De longe
acena
Adeus meu
lugar
[...]
Do mundo
afastado
Ali vive
preso
Sofrendo
desprezo
Devendo ao
patrão
Meu Deus,
meu Deus
O tempo
rolando

Senhor São José
Meu Deus, meu Deus
Mas nada de chuva
Tá tudo sem jeito
[...]
Nós vamos a São Paulo
Que a coisa está feia
Por terras alheias
Nós vamos vagar
Meu Deus, meu Deus
Se o nosso destino
Não for tão mesquinho
Pro mesmo cantinho
Nós torna a voltar
[...]
Vai dia e vem dia
E aquela família
Não volta mais não
Ai, ai, ai, ai
Distante da terra
Tão seca, mas boa
Exposto à garoa
A lama e o paú
Meu Deus, meu Deus
Faz pena o nortista
Tão forte, tão bravo
Viver como escravo
No Norte e no Sul

Ainda tratando sobre a questão da seca e das dificuldades enfrentadas pelos agricultores da região Nordeste, ao longo de décadas de descaso e negligência para com esses problemas ambiental e socioeconômico, Luiz Gonzaga e Zé Marcolino, em 1964, compuseram e gravaram a música "Cacimba Nova". Nesta música, os autores narram as dificuldades causadas pela seca, que provocam a falência e o abandono de uma propriedade rural, outrora produtiva. Novamente, incutida no abandono da fazenda, observa-se a questão do êxodo rural nordestino, demonstrando que a seca e a migração eram temas recorrentes nas músicas de Luiz Gonzaga, revelando, assim, sua preocupação constante com a gente do esquecido Nordeste brasileiro. Tais temas (falta de apoio

ao produtor rural, investimentos agrícolas, êxodo rural, diminuição da população rural etc.) trazidos pela música podem ser trabalhados na sala de aula, sendo contextualizados com as questões do lugar.

Cacimba Nova
(Luiz Gonzaga e Zé Marcolino, 1964)

Fazenda Cacimba Nova
Foi bonito teu passado
Ainda estás dando a prova
Pelo que vê-se ao teu lado
O curral grande pendido
Carro velho, esquecido
Pelo sol todo encardido
Sentindo sem paradeiro
Falta de juntas de boi
Que eles levavam de dois
Obedecendo ao carreiro

Resistente casarão
Em ti as festas rolavam
Quando os vaqueiros brincavam
Em corridas de mourão
O touro velho berrando
No tronco do pau fungando
Os seus chifres amolando
Com o maior desespero
O heroísmo tamanho
Em defesa do rebanho
Fazendo medo ao vaqueiro

Quem te vê sai suspirando
Lamentando cada instante
Vendo o tempo devorando
O teu passado brilhante
Mas rogo a Deus para um dia
Reinar-te ainda alegria
Paz, sossego e harmonia
Voltando a felicidade
Que um sentimental vaqueiro
Passando no seu terreiro
Solte um aboio de saudade

Ê, ê, ê, ô, ê....
Ê, boi....

Sempre engajado nas questões sociais, Luiz Gonzaga, juntamente com Nelson Barbalho, em 1963, compôs a música "A morte do vaqueiro", na qual prestou homenagem ao seu primo Raimundo Jacó, que era vaqueiro e foi assassinado no sertão pernambucano, no município de Exu. Tal crime nunca foi desvendado, e esta música, além de homenagem, expressava a dor e a indignação de Gonzagão com tal fato. Também destacava como essa importante profissão do sertão nordestino não era devidamente valorizada pela sociedade e o poder público. Basta observarmos que a profissão de vaqueiro só foi devidamente regulamentada pelo Projeto de Lei da Câmara (PLC) 83/2011, aprovado pelo Senado, em 24 de setembro de 2013, e sancionado pela Presidência da República, em 16 de outubro de 2013. A música traz, para as aulas de geografia, a questão da invisibilidade e da exploração de várias profissões que, mesmo auxiliando na organização e na produção espacial, não são notadas e valorizadas.

A morte do vaqueiro
(Luiz Gonzaga e Nelson Barbalho, 1963)

Numa tarde bem tristonha
Gado muge sem parar
Lamentando seu vaqueiro
Que não vem mais aboiar
Não vem mais aboiar
Tão dolente a cantar
Tengo, lengo, tengo, lengo,
tengo, lengo, tengo
Ei, gado, oi
Bom vaqueiro nordestino
Morre sem deixar tostão
O seu nome é esquecido
Nas quebradas do sertão
Nunca mais ouvirão

Seu cantar, meu irmão
Tengo, lengo, tengo, lengo,
tengo, lengo, tengo
Ei, gado, oi
Sacudido numa cova
Desprezado do senhor
Só lembrado do cachorro
Que inda chora
Sua dor
É demais tanta dor
A chorar com amor
Tengo, lengo, tengo, lengo,
tengo, lengo, tengo
Tengo, lengo, tengo, lengo,
tengo, lengo, tengo
Ei, gado, oi
E... Ei...

Na música "Riacho do Navio", de 1955, composta por Gonzagão e Zé Dantas, há uma verdadeira aula de hidrografia, demonstrando a rede de drenagem fluvial: do Riacho do Navio até o rio São Francisco e sua foz, no Oceano Atlântico. Dessa forma, pode-se trabalhar a questão dos rios no Nordeste, seja pela sua classificação quanto à frequência dos cursos de água (perenes, intermitentes/temporários e efêmeros), seja em relação ao volume de água (rio, ribeiro/ribeirão, riacho/regato e córrego). Também é possível destacar a questão da piracema, bem como outros fatores ambientais, tais como a construção de barragens, o desmatamento das matas ciliares e de nascentes e a crise hídrica, por exemplo.

Riacho do Navio
(Luiz Gonzaga e Zé Dantas, 1955)

Riacho do Navio
Corre pro Pajeú
O rio Pajeú vai despejar
No São Francisco
O rio São Francisco
Vai bater no "mei" do mar
O rio São Francisco

Vai bater no “mei” do mar
(Bis)

Ah! Se eu fosse um peixe
Ao contrário do rio
Nadava contra as águas
E nesse desafio
Saía lá do mar pro
Riacho do Navio
Eu ia direitinho pro
Riacho do Navio

Pra ver o meu brejinho
Fazer umas caçada
Ver as “pegá” de boi
Andar nas vaquejada
Dormir ao som do chocalho
E acordar com a passarada
Sem rádio e nem notícia
Das terra civilizada
Sem rádio e nem notícia
Das terra civilizada.

Nas músicas “Tropeiros da Borborema” e “A feira de Caruaru”, Luiz Gonzaga nos presenteia com dois importantes aspectos das cidades do Nordeste brasileiro: os tropeiros e a feira livre. As duas músicas fazem homenagens às cidades de Campina Grande e Caruaru, respectivamente. É preciso salientar que tais atividades econômicas (tropeiros e feiras livres) foram responsáveis pelo aparecimento e desenvolvimento de muitas cidades da região Nordeste. Ainda hoje, as feiras livres são importantes atividades econômicas das pequenas e médias cidades dessa região, ofertando produtos variados e atraindo uma grande clientela, seja pela variedade de gêneros de consumo que oferecem ou pela diversidade cultural. Dessa forma, essas músicas possibilitam trabalhar conteúdos referentes à formação e ao desenvolvimento das cidades, bem como enfocar as atividades econômicas que dinamizam a economia local.

Tropeiros da Borborema
(Rosil Cavalcanti e Raimundo Asfora,
década de 1960)

Estala relho marvado
Recordar hoje é meu tema
Quero é rever os antigos
tropeiros da Borborema

São tropas de burros que vêm do sertão
Trazendo seus fardos de pele e algodão
O passo moroso só a fome galopa
Pois tudo atropela os passos da tropa
O duro chicote cortando seus lombos
Os cascos feridos nas pedras aos tompos
A sede e a poeira o sol que desaba
Rolando caminho que nunca se acaba

Estala relho marvado
Recordar hoje é meu tema
Quero é rever os antigos
tropeiros da Borborema

Assim caminhavam as tropas cansadas
E os bravos tropeiros buscando pousada
Nos ranchos e aguadas dos tempos de outrora
Saindo mais cedo que a barra da aurora
Riqueza da terra que tanto se expande

A feira de Caruaru
(Luiz Gonzaga e Onildo Almeida, 1955)

A Feira de Caruaru
Faz gosto a gente vê.
De tudo que há no mundo,
Nela tem pra vendê,
Na feira de Caruaru.

Tem massa de mandioca,
Batata assada, tem ovo cru,
Banana, laranja, manga,
Batata, doce, queijo e caju,
Cenoura, jabuticaba,
Guiné, galinha, pato e peru,
Tem bode, carneiro, porco,
Se duvidá... inté cururu.

Tem cesto, balaio, corda,
Tamanco, gréia, tem cuêi-tatu,
Tem fumo, tem tabaqueiro,
Feito de chifre de boi zebu,
Caneco acuvitêro,
Penêra boa e mé de uruçú,
Tem carça de arvorada,
Que é pra matuto não andá nú.

Tem rêde, tem balieira,
Mode menino caçá nambu,
Maxixe, cebola verde,
Tomate, coentro, couve e chuchu,
Armoço feito nas torda,
Pirão mixido que nem angu,
Mubia de tamburête,
Feita do tronco do mulungú.

Tem loiça, tem ferro véio,
Sorvete de raspa que faz jaú,
Gelada, cardo de cana,
Fruta de paima e mandacaru.
Bunecos de Vitalino,

E se hoje se chama de Campina Grande
Foi grande por eles que foram os primeiros
Ó, tropas de burros, ó, velhos tropeiros.
Que são cunhecidos inté no Sul,
De tudo que há no mundo,
Tem na Feira de Caruaru.

Além de forró, com temas alegres, ligados à atividade rural e ao lugar, Luiz Gonzaga também enveredou por músicas de protesto, com fortes elementos de crítica social, demonstrando sua indignação em relação ao assistencialismo do poder público no Nordeste, especialmente em tempos de seca e eleição. Dessa forma, na música "Vozes da seca", composta por Gonzagão e Zé Dantas, em 1953, "[...] cobra proteção e providência por parte do Estado, sugerindo inclusive soluções a serem dadas para o problema, agenciando claramente enunciados e imagens do já quase secular discurso da seca" (ALBUQUERQUE JR, 2009, p. 178). Esta música é, ainda hoje, bastante atual. Além da reflexão política e cidadã, tal música ainda propicia uma análise da regionalização do Brasil, pois, à época desta composição, o país era formado por apenas vinte estados:

Vozes da seca
(Luiz Gonzaga e Zé Dantas, 1953)

Seu doutô, os nordestino têm muita gratidão
Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão
Mas, doutô, uma esmola a um homem qui é são
Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão
É por isso que pidimo proteção a vosmicê
Home pur nóis escuído para as rédias do pudê
Pois, doutô, dos vinte estado temos oito sem chovê
Veja bem, quase a metade do Brasil tá sem cumê
Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage
Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudage
Livre assim nóis da ismola, que no fim dessa estiage
Lhe pagamo inté os juru sem gastar nossa corage
Se o doutô fizer assim, salva o povo do sertão
Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação!

Nunca mais nóis pensa em seca, vai dá tudo nesse chão
Como vê nosso distino mercê tem nas vossa mãos

O mestre Luiz Gonzaga, ao assumir a identidade nordestina, seja em suas músicas e também em seus *shows*, quando se apresentava com vestimentas típicas da região, expunha os problemas e as dificuldades enfrentadas pelo Nordeste brasileiro, mas também destacava as belezas naturais e culturais dessa região do Brasil. O Nordeste e seu povo, sempre esquecido e discriminado pelos governantes e por parte da população brasileira, ganhou visibilidade e valorização na voz de Luiz Gonzaga. Dessa forma, as músicas de Gonzagão se tornam importantes dispositivos didáticos para a análise, a reflexão e a discussão dos problemas nordestinos, nas aulas de geografia do ensino básico.

Luiz Gonzaga, a música e a geografia do Nordeste brasileiro: algumas conclusões...

Este artigo tencionou apresentar duas experiências formativas ancoradas na música como dispositivo didático-pedagógico para abordar conceitos e temas da geografia escolar. Elegemos como tema central o Nordeste brasileiro, a partir da análise das canções do mestre Luiz Gonzaga. Assim, ao discorrer as imagens, representações e saberes sobre as geografias do Nordeste nas canções do "Rei do Baião", sinalizamos que a música, entre outras estratégias metodológicas e atividades de ensino, favorece a construção de conhecimentos contextualizados, e da qual o professor pode fazer uso tendo em vista promover uma diferente forma de tratamento dos conteúdos geográficos.

Desse modo, queremos reafirmar que concebemos a música como linguagem e também como um importante dispositivo que potencializa a abordagem didática de conceitos e conteúdos geográficos e outros temas que compõem o currículo escolar.

A música – de diferentes gêneros – está presente na vida cotidiana, é muito acessível e pode ensinar e apresentar aos professores, em formação inicial e no exercício profissional, e aos alunos da educação básica uma nova geografia, capaz de possibilitar a compreensão dos conteúdos curriculares da geografia escolar e, assim, produzir conhecimentos sobre determinados temas.

Luiz Gonzaga deixou um legado de 627 músicas que retratam seu povo, sua região e os problemas que assolam essa parte esquecida e, muitas vezes, estereotipada do Brasil. Dessa forma, suas músicas, como também as de outros artistas nordestinos, são importantes instrumentos para a análise e a reflexão geográfica sobre esta região, contribuindo para a formação geográfica e crítica dos alunos.

A imagem de Luiz Gonzaga esteve sempre vinculada à imagem do sertão nordestino e de seu povo, associada principalmente à religiosidade, às paisagens, aos modos de vida e ao modo de falar local, às migrações para o sul do país e, sobretudo, às secas periódicas que assolam a região. Nisso, podemos afirmar que Gonzagão contribuiu para tornar visíveis elementos que retratam a realidade social, política, econômica e ambiental do sertão, especialmente os aspectos das ruralidades nordestinas, valorizando a "sertanidade" e a "nordestinidade" por todo o território nacional.

Desse modo, a obra de Gonzagão, ao trazer à tona traços da cultura nordestina, por meio da descrição e da análise sobre as paisagens, os problemas e as dificuldades decorrentes das secas e outras questões, bem como as experiências de vida do seu povo, possibilita uma reflexão sobre os conceitos e os conteúdos da geografia do Nordeste a partir do uso da linguagem musical, no contexto da sala de aula.

Enfim, podemos afirmar que Luiz Gonzaga, em suas canções compostas e/ou interpretadas, deu voz ao Nordeste, retratando a região, o povo e as tradições como jamais foi feito por

outro artista – tanto que, ainda hoje, quase 27 anos após sua morte, continua reverenciado pelos nordestinos e por inúmeros artistas e intelectuais. Suas músicas são tocadas, especialmente durante os festejos juninos e festas nordestinas (vaquejadas, argolinhas etc.). Dessa forma, seu repertório musical também pode servir aos professores e alunos em aulas de geografia, no âmbito da formação docente e nas salas de aula das escolas de educação básica, para melhor conhecer e refletir sobre essa importante região brasileira. E também pode e deve ser concebido como importante fonte de pesquisa sobre a diversidade linguística, geográfica e cultural do sertão nordestino.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BRASIL. Câmara Federal. Projeto de Lei da Câmara (PLC) 83/2011. Aprovado em 24 de setembro de 2013 e sancionado em 16 de outubro de 2013. Dispõe sobre o exercício da atividade profissional de vaqueiro. Disponível em: <http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/102453> Acesso em: 20 mar. 2015.

COUSIN, Marcelo. "Janela para o mundo: o cinema como ponte entre lugares reais e imaginários." In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (orgs.). *Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de geografia.* Curitiba: CRV, p. 65-77, 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. "Geografia em canção: o som e a imagem no processo de construção do conhecimento." In: *Caderno Prudentino de Geografia*, n. 17, p. 132-143, jul. 1995.

FERREIRA, Juca. "Introdução." In: FONTELES, Bené (org.). *O rei e o baião.* Brasília: Fundação Athos Bulcão, 2010.

GONZAGA, Luiz. *Biografia de Luiz Gonzaga.* Disponível em: <http://www.luizgonzaga.mus.br/>. Acesso em: 14 mar. 2015.

GOULART, Ligia Beatriz; ANTUNES, Márcio Fenili. "A música como linguagem para a compreensão da territorialidade." In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (orgs.). *Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de geografia*. Curitiba: CRV, p. 41-50, 2012.

GUIMARÃES, Iara. "Ensino de geografia, mídia e produção de sentidos." In: *Terra Livre* – Geografia e ensino, Presidente Prudente, ano 23, v. 1, n. 28, p. 45-66, jan./jun. 2007.

KAERCHER, Nestor André. *Desafios e utopias no ensino da geografia*. 3ª ed. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2003.

MEIRELES, Mariana Martins de; PORTUGAL, Jussara Fraga. "Entre textos, imagens e canções: a "Cidade da Bahia" e suas geografias." In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia A. Martins (orgs.). *Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de geografia.* Curitiba: CRV, p. 19-40, 2012.

PARANHOS, Adalberto. "Saber e prazer: a música como recurso didático pedagógico." In: FRANCO, Aléxia Pádua (coord.). *Álbum musical para o ensino de história e geografia*. Uberlândia, MG: UFU, p. 7-15, 1995.

PORTUGAL, Jussara Fraga. *"Quem é da roça é formiga!": histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de geografia de escolas rurais.* 2013. 352 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduC. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2013.

_____; SOUZA, Elizeu Clementino. "Ensino de geografia e o mundo rural: diversas linguagens e proposições metodológicas." In: CAVALCANTI, Lana de Souza (org.). *Temas da geografia na escola básica.* Campinas, SP: Papirus, p. 95-134, 2013.

_____; OLIVEIRA, Simone Santos de. *Dialog – diversas linguagens, formação docente e ensino de geografia.* Serrinha, BA: UNEB, 2009 (versão digitalizada).

SOUZA, Hanilton Ribeiro de. *Geomúsica – ouvindo, cantando e aprendendo geografia.* Castro Alves: Colégio Estadual Polivalente de Castro Alves, 2010 (versão digitalizada).

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

MÚSICAS

DI PAULA, Benito. Sanfona branca. In: Benito Di Paula – 20 Super Sucessos. Polydisc. 1996. 2 CD-ROM. Disco 2, Faixa 16.

GONZAGA, Luiz. Aquarela nordestina. In: LUIZ GONZAGA. Série Bis. EMI. 2005. 2CD-ROM. Disco 2, faixa 08.

_____. No meu pé de serra. In: LUIZ GONZAGA. 50 anos de chão – 1941-1987. SONY MUSIC. 2002. 3CD-ROM. Disco 1, faixa 03.

_____. Asa branca. In: LUIZ GONZAGA. 50 anos de chão – 1941-1987. SONY MUSIC. 2002. 3CD-ROM. Disco 1, faixa 04.

_____. A volta da asa branca. In: LUIZ GONZAGA. 50 anos de chão – 1941-1987. SONY MUSIC. 2002. 3CD-ROM. Disco 1, faixa 13.

_____. Vozes da seca. In: LUIZ GONZAGA. 50 anos de chão – 1941-1987. SONY MUSIC. 2002. 3CD-ROM. Disco 2, faixa 12.

_____. Riacho do Navio. In: LUIZ GONZAGA. 50 anos de chão – 1941-1987. SONY MUSIC. 2002. 3CD-ROM. Disco 2, faixa 14.

_____. A feira de Caruaru. In: LUIZ GONZAGA. 50 anos de chão – 1941-1987. SONY MUSIC. 2002. 3CD-ROM. Disco 2, faixa 16.

_____. A morte do vaqueiro. In: LUIZ GONZAGA. 50 anos de chão – 1941-1987. SONY MUSIC. 2002. 3CD-ROM. Disco 2, faixa 18.

_____. A triste partida. In: LUIZ GONZAGA. 50 anos de chão – 1941-1987. SONY MUSIC. 2002. 3CD-ROM. Disco 2, faixa 19.

_____. Cacimba nova. In: LUIZ GONZAGA. 50 anos de chão – 1941-1987. SONY MUSIC. 2002. 3CD-ROM. Disco 2, faixa 20.

_____. Sanfona do povo. In: LUIZ GONZAGA. 50 anos de chão – 1941-1987. SONY MUSIC. 2002. 3CD-ROM. Disco 3, faixa 01.

_____. Súplica cearense. In: LUIZ GONZAGA. 50 anos de chão – 1941-1987. SONY MUSIC. 2002. 3CD-ROM. Disco 3, faixa 14.

_____. Meu Pajeú. In: Luiz Gonzaga – o sanfoneiro do povo de Deus. RCA VICTOR. 1967. LP, faixa 04.

_____. Meus sucessos com Humberto Teixeira. 12 músicas 1968 – RCA Camden.

_____. Tropeiros da Borborema. In: Luiz Gonzaga e Marinês: Centenário de Campina Grande. RCA VICTOR. 1964. Compacto duplo.